



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS OSMAR DE AQUINO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**YASMIN PONTES DA SILVA**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: o docente como  
orientador**

**GUARABIRA – PB  
2015**

**YASMIN PONTES DA SILVA**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: o docente como orientador**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em **Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Esp. Rônia Galdino da Costa

GUARABIRA – PB  
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586o Silva, Yasmin Pontes da  
Orientação sexual na adolescência [manuscrito] : o Docente  
como orientador. / Yasmin Pontes da Silva. - 2015.  
23 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.  
"Orientação: Profa. Esp. Rônia Galdino de Costa,  
Departamento de Educação".

1. Adolescência. 2. Orientação sexual. 3. Sexualidade. 4.  
Docência. I. Título.

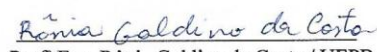
21. ed. CDD 370.11


YASMIN PONTES DA SILVA


**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: o docente como orientador**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em **Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 10-06-2015

  
Prof.<sup>a</sup> Esp. Rônia Galdino da Costa / UEPB  
Orientadora

  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira  
Examinadora

  
Prof.<sup>a</sup> Ms. José Otávio da Silva  
Examinador

## **ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: o docente como orientador**

SILVA, Yasmin Pontes \*

### **RESUMO**

A exposição precoce dos jovens a conteúdos erotizados, as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce são alguns dos problemas que permeiam a adolescência, aumentando a preocupação da inserção do diálogo acerca da sexualidade no âmbito escolar. Este diálogo está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como tema transversal, e destaca o motivo pelo qual a escola deve incorporar o tema ao trabalho pedagógico. Este estudo objetiva propor uma preparação adequada e eficiente que permita o professor atuar como orientador sexual com eficácia nesta fase, que ele possa compreender a sexualidade como algo inerente ao ser humano e que, nesse sentido, não há como negar as suas manifestações na escola, embora não exista uma preparação na formação acadêmica do professor sobre o assunto. A metodologia utilizada na realização deste artigo foi de pesquisa bibliográfica qualitativa analítica. Os resultados de uma boa orientação sexual na adolescência podem amenizar o impacto do tempo perdido, visto que muitas famílias privam seus filhos da educação sexual doméstica, pelo valor negativo atribuído a sexualidade, por acreditarem que os filhos são “assexuados”, por considerarem que o diálogo antecipa a prática sexual e por se sentirem despreparados e tímidos em tratar do assunto que talvez nunca tenha sido discutido quando eram adolescentes. Esperamos com este estudo contribuir com o desenvolvimento da educação sexual nas escolas, consideradas espaços privilegiados para a aprendizagem e realização de reflexões de temas socialmente relevantes. Como também para a reflexão dos docentes quanto ao seu papel.

**PALAVRAS- CHAVE:** Adolescência. Orientação Sexual. Sexualidade. Docência.

### **1. INTRODUÇÃO**

A orientação sexual na adolescência ganha cada vez mais importância. Mais do que transmitir que sexo deve ser feito com segurança e consciência, discutir as formas de relacionamento entre adolescentes é também uma das grandes preocupações da sociedade. É preocupante perceber o descaso e o desrespeito com que o assunto ainda é

---

\* Yasmin Pontes da Silva. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: yaasminpontes@hotmail.com

tratado, seja na família e na escola. Nem é preciso ser um especialista para perceber a discrepância das atitudes. Querem proporcionar segurança e liberdade sexual para os adolescentes, mas não conseguem orientar adequadamente os representantes do futuro do país sobre o assunto.

Quando falamos de orientação sexual de adolescentes, logo nos remetemos às escolas, que representam mais do que um espaço de aprendizagem na vida do adolescente, elas são o principal espaço de socialização para a maioria deles, um lugar de encontros, de troca de conhecimento e de realização. Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e às oportunidades de trocas de informações, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir diante da relevância da Orientação Sexual. Trabalhar este tema contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas adquiridas através do docente preparado aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas.

Este artigo tem como objetivo geral propor/sugerir uma preparação que permita o professor atuar como orientador sexual com eficácia na adolescência. Especificamente, objetiva conscientizar o professor do seu papel de orientador, para que busque conhecer a sexualidade do adolescente em todas as suas fases e refletir sobre a proposta dos pcn's em relação à sexualidade como tema transversal.

As inquietações surgiram quando começamos a observar em algumas conversas e discursos de alguns professores e alunos, o quanto a sexualidade continua sendo um assunto velado nas escolas, forçando o adolescente que, na maioria das vezes, não tem este diálogo na família, a utilizar informações equivocadas a respeito da sexualidade. Neste contexto, decidimos realizar este estudo visando contribuir para uma análise criteriosa acerca das questões que envolvem a orientação sexual propondo ao leitor uma reflexão mais aprofundada sobre os valores e tabus que abarcam a sexualidade e a necessidade de abordá-la no contexto escolar, a fim de esclarecer os educandos e superar os preconceitos e estereótipos sexuais relacionados à temática.

Este artigo está estruturado em quatro tópicos: O primeiro traz uma introdução abordando o tema e os objetivos da pesquisa. O segundo, intitulado "Sexualidade" apresenta definições e informações sobre o histórico da sexualidade, com enfoque na

adolescência segundo Freud. O terceiro sob o título “Orientação sexual na escola” discute a abordagem do assunto na escola, a capacitação docente para o trabalho da temática e os PCN’s, enfatizando a “Orientação sexual na adolescência”, que traz uma análise criteriosa acerca das questões que envolvem a orientação sexual na adolescência, os valores e tabus que existem e a necessidade de abordá-la no contexto escolar a fim de esclarecer os educandos e superar os preconceitos e estereótipos sexuais relacionados à temática. Finalizando, exploraremos no quarto tópico o papel do professor enquanto orientador sexual, propondo aos docentes uma reflexão e uma proposta pedagógica para desenvolver o tema na escola.

Este estudo é relevante na medida em que, ao abordar conceitos relativos à orientação sexual provoque o debate sobre educação sexual nas escolas por parte dos educadores, contribuindo assim para um avanço nas práticas docentes e no trabalho pedagógico de modo geral.

## **2. SEXUALIDADE**

A sexualidade é um dos elementos que constitui o ser humano, através dela o indivíduo expressa suas preferências ou experiências sexuais na vivência e descoberta da sua identidade ao longo da vida. A sexualidade não se encerra apenas nas funções reprodutivas ou nos desejos sexuais, a mesma pressupõe intimidade, afeto, emoções, sentimentos e bem-estar individual. O enfoque biológico não é suficiente para explicar essa dimensão humana. Sobre isso, Fagundes diz que,

Para dar conta do entendimento desta dimensão humana que é a sexualidade, é preciso, contudo analisá-la como um processo relacional intenso que se fundamenta, basicamente em elementos discretos, mas complementares: o potencial biológico, as relações sociais de gênero e a capacidade psico-emocional dos indivíduos. Neste sentido, é possível admitir, para uma mais sólida compreensão, que a sexualidade tenha três grandes componentes: O biológico, o psicológico e o sociocultural. (FAGUNDES. 2005, p.16).

A sexualidade é algo necessário à condição humana e suas manifestações afloram desde cedo, todavia, em sua maioria, são ignoradas, ocultadas ou reprimidas. No desenvolvimento da sexualidade, os pais são encarregados da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos, embora esta expressão esteja em desuso, já que alguns

especialistas questionam se é possível educar alguém sexualmente. Atualmente o termo mais aceito é o de “*orientação sexual*”, pois quando a mesma é utilizada na área de educação deriva do conceito pedagógico de orientação educacional sendo definida, portanto, como um processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas através de informações sobre sexualidade, tabus, crenças e valores referentes aos relacionamentos e comportamentos sexuais.

Segundo Lapate, a sexualidade sempre ficou restrita ao sexo genital, porém ele destaca que a sexualidade vai além do sexo genital, ela aborda o homem como um todo:

A sexualidade abrange toda a pessoa, a maneira como agir, pensar e funcionar fisiologicamente como homem e mulher. Para um jovem adolescente estar adaptado ao seu sexo precisa estabelecer uma área de auto-identidade compatível com a de importância na vida, e permitirá que desempenhe um papel aceitável por si mesmo, por seu desenvolvimento, novas circunstâncias externas e com a aquisição de conhecimentos, experiências e maturidade emocional. (LAPATE, p.36. s/d).

O tema sexualidade abrange também a discussão sobre valores e concepções de mundo e de homem. Nas escolas não se fala sobre o assunto com os alunos. Quando é abordado, é trabalhado com muita dificuldade, impedindo o educador de atingir os objetivos previstos e causando uma série de problemas disciplinares. Vale salientar que muitos educadores resistem em trabalhar o assunto, pois se sentem despreparados.

A sexualidade interfere muito na questão da identidade, principalmente do adolescente, e assim interfere no processo de aprendizagem. O jovem que adquire um pouco mais de conhecimento sobre si mesmo, sobre sua sexualidade, passa a ter um maior desenvolvimento escolar, um melhor desenvolvimento da aprendizagem, já que a relação entre autoconhecimento, sexualidade e aprendizagem é muito grande.

No Brasil a história da educação sexual surge através do combate à masturbação e as doenças venéreas visando também a preparação da mulher para o papel de esposa e mãe. Na década de 1920 segmentos sociais, entre eles as feministas, reivindicavam a educação sexual, em 1928 a aprovação da proposta de educação sexual nas escolas pelo Congresso Nacional foi significativa, porém com progressos e retrocessos, sobretudo com a interferência da Igreja, que se prolongaram até a década de 1950. Nos anos 1960 o tema já começava a ter presença nos meios de comunicação prevalecendo, contudo, os



tabus e preconceitos, nessa mesma década ocorreram experiências importantes tanto em escolas públicas como particulares.

A partir de 1975 reapareceu o interesse pela educação sexual devido às grandes mudanças observadas no comportamento dos jovens, na influência dos movimentos feministas e no controle da natalidade. De 1978 a 1980 realizaram-se encontros de educação sexual nas escolas notando-se grande interesse pelo tema no meio educacional. O período inicial dos anos 80 foi marcado pela veiculação e divulgação de questões ligadas à sexualidade. Congressos e encontros de profissionais foram realizados com a participação de educadores, médicos e cientistas sociais contribuindo assim para intensificar o debate sobre a inclusão da educação sexual nas escolas.

Em 1995 o Ministério da Educação e Cultura – MEC coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais que incluiu a orientação sexual como um dos “temas transversais” a serem abordados no contexto escolar. A introdução da temática sexualidade nos currículos escolares brasileiros foi também instituída pelas Diretrizes Curriculares Nacionais em 1997, não como disciplina, mas como conteúdo a ser incorporado às matérias já existentes, “atravessando” o currículo. No final do século XX, principalmente nas últimas décadas, a abordagem da sexualidade vem ocupando significativos espaços nos meios de comunicação tornando-se centro de discussões entre membros de diferentes segmentos sociais mediante aos avanços e retrocessos, visto que o tema envolve valores e crenças historicamente arraigados e socialmente construídos.

Uma das grandes contribuições para as pesquisas sobre a sexualidade humana foi o trabalho desenvolvido por um médico austríaco chamado Sigmund Freud. A sexualidade foi considerada por ele como uma função corpórea mais ampla, tendo o prazer como principal meta, a reprodução humana teria finalidade secundária, é uma disposição psíquica universal. O prazer está ligado às diferentes fases da sexualidade infantil, que permanecem registradas no psiquismo e contribuem para a conformação genital de cada um na vida adulta. Em seu estudo autobiográfico, é afirmado que a função sexual se inicia no começo da vida e revela-se presente com vários indícios mesmo na infância (FREUD, 1996).

Freud classificou o desenvolvimento sexual em diferentes fases:

- Fase oral - crianças de 0 a 02 anos, o prazer concentra-se na boca, portanto a criança leva todos os objetos à boca;
- Fase anal – constituída por crianças com 02 anos. A principal característica desta fase é que as crianças sentem prazer na eliminação das fezes e da urina;
- Fase fálica– é formada por crianças com idades entre 03 a 06 anos. Para Freud esta fase é a mais crucial para o desenvolvimento sexual da criança. Ela se concentra nos órgãos genitais, ou na falta deles se a criança for do sexo feminino, é nesta fase que surge o complexo de Édipo, onde a criança passa a ter desejos por seus pais, os homens são atraídos pela mãe, enquanto as mulheres são atraídas pelo pai;
- Fase latente: ocorre entre crianças de 06-12 anos, essa é a fase dos desejos inconscientes reprimidos. Neste período, a criança já superou a fase fálica e embora desejos e impulsos sexuais possam existir, eles são expressos de forma assexuada;
- Genital – esta fase é caracterizada por crianças a partir de 12 anos, constata-se o amadurecimento do corpo e o a presença marcante do desejo sexual.

A **Fase Genital** se dá com a chegada da puberdade e da adolescência, a referida fase que abordamos neste artigo. Nesta fase há o retorno do objeto erótico para os órgãos sexuais, mas o objeto de desejo não está mais somente no próprio corpo, e sim também no corpo do outro. Segundo Freud, atingir a fase genital é fundamental para se chegar ao pleno desenvolvimento biopsicossocial e intelectual de um adulto sendo capaz de amar, e no sentido genital se tornando capazes de atingir sua capacidade orgástica e aceitar conscientemente suas identidades sexuais distintas, buscando novas formas de satisfação para suas necessidades eróticas.

Na puberdade ocorre a maturação sexual, que nas meninas inicia-se em média aos 10 anos de idade: aumento dos seios, pelos pubianos, os pelos axilares acompanhados pelo desenvolvimento das glândulas sudoríparas que trazem o odor característico do adulto. Pode também ocorrer a presença de corrimento vaginal claro, 6 a 12 meses antes da primeira menstruação (menarca). Já nos meninos a maturação sexual pode ser percebida inicialmente pelo aumento do volume dos testículos, que ocorre em média aos 10 anos de idade. O crescimento do pênis, geralmente se dá um ano após o crescimento dos testículos. Inicialmente o pênis cresce em comprimento e posteriormente em diâmetro. Aparecem também os pelos pubianos em torno de 11 anos,

os pelos axilares por volta dos 12 anos de idade e os pelos faciais e do restante do corpo por volta dos 14 anos em média. A idade da primeira ejaculação ocorre em torno dos 12 anos, em média. A mudança da voz é a maturação que ocorre mais tardiamente.

É importante que pais e educadores tenham conhecimentos dessas transformações e fases pelas quais passamos desde a infância e na adolescência para podermos tranquilizá-los e orientá-los adequadamente, estabelecendo um diálogo esclarecedor e sem caráter repressivo.

Os estudos de Freud sobre a sexualidade provocaram fortes reações numa sociedade que escondia mais do que revelava sobre o que seria de fato a sexualidade. Consideravam o ato sexual como ponto central limitado sob os domínios da família conjugal, tendo a reprodução como função principal. As atividades sexuais que não estivessem diretamente envolvidas na procriação (sexo oral e anal, sadomasoquismo, masturbação, fetichismo etc.) eram na época consideradas “desvios sexuais”.

Algumas expressões como “sexo é errado” e “você não devia pensar nessas coisas” são alguns exemplos de como a educação sexual ainda é empregada nos mais variados contextos familiares.

A visão negativa da sexualidade, ligando-a ao pecado, a vergonha, as doenças e a infelicidade, tem sido um dos principais obstáculos ao desenvolvimento harmonioso e prazeroso da vida sexual. Quando os adultos exercem forte repressão sobre as atividades exploratórias da infância e da adolescência, a evolução afetiva e sexual pode vir acompanhada por um aprendizado exagerado de autocontrole. As crianças crescem pensando que o tema da sexualidade não deve ser tratado com adultos e que os órgãos sexuais e as sensações ligadas a eles são causa de vergonha e culpa. (OLIVEIRA & DIAZ 1998. P.124).

As teorias freudianas não explicam tudo acerca da sexualidade, entretanto, sua teoria continua tendo grande relevância para o entendimento de determinados conflitos pessoais e de algumas questões que envolvem o assunto, principalmente ao pontuar que a sexualidade e suas manifestações é algo necessário ao indivíduo desde a infância, o que ainda hoje é um assunto evitado e reprimido nos contextos familiares e escolares.

## **2.1 Sexualidade na adolescência**

Segundo Paiva (1996:213), a sexualidade adolescente é caracterizada pelo discurso biomédico, como um evento biológico discreto, ou seja, um conjunto de freqüências de comportamentos, explicada pela natural explosão dos hormônios e a impulsividade normal nessa fase de desenvolvimento. No entanto, Leal (1993, apud Paiva, 1996: 215), argumenta que as propostas médicas são sempre reinterpretadas à luz de um conjunto de crenças e são tornadas coerentes com uma visão de mundo norteadora das práticas cotidianas.

Podemos entender a adolescência como uma fase de indefinição, de transição, e ainda, um período passível de conflitos e crises, mas de busca de liberdade. Enderle (1998) comenta que a adolescência é “um período crítico”, uma crise de independência para afirmar-se. A adolescência por sua vez apresenta características psicológicas não necessariamente universais, que se diferenciam em contextos culturais distintos. A puberdade é um fenômeno universal, para todos os membros de nossa espécie, como fator biológico.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu na Reunião sobre Gravidez e Aborto na Adolescência, em 1974, um conceito de adolescência, caracterizada como uma fase do desenvolvimento humano em que: “a. O indivíduo passa do ponto do aparecimento inicial dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual. b. Os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a fase adulta. c. Ocorre uma transição do estado de dependência econômica total a outro de relativa independência” (OMS, 1975 apud REIS, 1993). Analisando o exposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) observamos que ela contempla a adolescência desde o aspecto biofisiológico, psicológico até o social.

Na adolescência fatores de ordem biológica, psicológica e social estão concorrendo para a formação da identidade sexual. Fatores biológicos desencadeados pelas secreções de hormônios vão provocar alteração no corpo, desde o crescimento e desenvolvimento das características sexuais secundárias até a maturação do aparelho reprodutor, tornando homens e mulheres aptos para a reprodução. Estas mudanças são sentidas também na esfera psicológica visto que as alterações no esquema corporal fazem com que o adolescente tenha que reestruturar em nível intrapsíquico a representação de seu próprio corpo.

A adolescência é um período onde o jovem passa por um processo de transformações biopsicossocial e acontece por volta dos doze anos de idade até os dezoitos (E.C.A, 2001.). Seu corpo encontra-se modificado e seus instintos sexuais estão aflorados. Além do mais, o jovem está em busca de sua afirmação como sujeito independente. No período de latência, a sexualidade passa por um processo de dormência, ressurgindo com toda a força na fase genital que corresponde à adolescência. Em meio a todos esses conflitos, o adolescente encontra-se envolto por uma energia pulsante que precisa ser direcionada. Nessa perspectiva, pode acontecer um embate dos jovens para com os adultos, pois os mesmos estabelecem que os jovens apesar de estarem fisicamente prontos, têm que aguardar por mais um período para serem considerados adultos. Sendo assim, o jovem se encontra em uma situação onde não é maduro o suficiente para praticar atitudes de adulto, nem infantil para agir como criança.

Frente a todas essas questões, a sexualidade pode acontecer como objeto de enfrentamento dos jovens para com o posicionamento dos pais. Entende-se que um estudo detalhado sobre estas questões torna-se necessário para que se propicie uma ação de prevenção e orientação para os pais de como minimizar os efeitos decorrentes do processo de adolescência.

### **3. ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA**

Ao longo de muito tempo a sexualidade foi ignorada pelas escolas. Os educadores agiam como se seus alunos fossem assexuados, mesmo quando chegavam à puberdade. Assuntos acerca da sexualidade eram evitados para não despertar a curiosidade, dando continuidade aos rígidos valores sociais. Segundo a sexóloga Gilda Fucs (1993. p.201), a educação sexual é “parte da educação geral que transmite os conhecimentos e mensagens necessárias para que o indivíduo possa adquirir atitudes, expressar seus sentimentos e firmar valores que o permitam aceitar e vivenciar a sexualidade própria e dos outros num contexto livre e responsável” A autora defende uma educação sexual que conscientize, liberte e possibilite o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano criticando os conceitos que restringe essa educação ao ensino biológico do sexo ou como meio de impor, ajustar ou coibir a sexualidade das pessoas.

É sabido que abordar a sexualidade na escola não é fácil, é um assunto polêmico, que desperta várias opiniões e ainda é constrangedor para muitos. Lapate diz que: "A educação sexual abrange o aspecto total do comportamento humano, a compreensão das necessidades básicas no que diz respeito a pertencer, a amar e ser amado, respeitando-se os direitos dos outros". (LAPATE, s/d p.36).

A orientação sexual não se restringe apenas a transmissão de informações sobre sexo, significa também o contato entre pessoas, transmissão de valores, atitudes e comportamentos. Os professores e os alunos ficam tensos ao tratarem da sexualidade: os professores se protegem da ansiedade com dados científicos e os alunos com brincadeiras e gozações. Assim, o diálogo fica bloqueado devido a uma barreira de linguagem. O professor precisa estar preparado pedagogicamente e psicologicamente. A melhor atitude é tentar esvaziar o conteúdo pornográfico. Ter acesso aos alunos, saber exatamente como eles tratam a questão. Um bom método é pedir aos alunos que escrevam em papeis com total liberdade, palavras e frases relacionadas ao sexo, sem assinar. "[...] Em seguida, o professor lê em voz alta e até escreve na lousa os palavrões, colocando sinônimos. [...] Então se discutem os sinônimos, desde o mais científico até o mais populares, até se chegar a um consenso". (TIBA, 1994, P.109)

O desenvolvimento de uma orientação sexual efetiva na escola é possível. Contudo, a execução desta tarefa depende de um bom planejamento e principalmente da preparação dos educadores. Para tal faz-se necessário a ampliação contínua do espaço de diálogo para que os educadores possam trocar experiências pedagógicas, assim como a criação de projetos e ações específicas para a abordagem da sexualidade, não apenas pelo viés biológico, mas também contemplando as dimensões sociais, culturais e afetivas inerentes à mesma. Neste sentido a atuação gestora é primordial na condução desse trabalho e na implementação de alternativas e projetos voltados para essa área.

A Orientação Sexual foi constituída, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1998, em tema transversal, ou seja, como um assunto ministrado no interior das várias áreas de conhecimento, perpassando cada uma delas. Ela pode ser discutida nas aulas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira. A escola é uma das instituições nas quais se instalam mecanismos do dispositivo da sexualidade.

Os PCN's propõem este tema seja tratado pela escola como algo fundamental na vida. Destaca também que deve fazer parte do currículo das escolas. (BRASIL, 1998). Devido ao aumento de adolescentes grávidas e do número de casos de doenças sexualmente transmissíveis nos jovens, cresceu a demanda por pesquisas na área da sexualidade. Diante disso, a escola e a família mostraram-se “perdidas” em como abordar o assunto. Portanto, os PCNs surgem como um eixo norteador para a escola desenvolver trabalhos pedagógicos vinculados à orientação sexual. Destacam que os alunos trazem noções e emoções sobre sexualidade, adquiridas em casa, em suas vivências e desse modo o trabalho realizado deve considerar esses aspectos e possibilitar discussões, reflexões e debates para que os alunos construam suas opiniões e façam as suas escolhas. Afinal, a escola possibilita a discussão dos diferentes pontos de vistas (BRASIL, 1998).

O conteúdo a ser trabalhado em orientação sexual foi organizado em três blocos essenciais: **Corpo**: matriz da sexualidade: aborda os aspectos biológicos do corpo (as transformações do corpo, os mecanismos, as mudanças da puberdade); **Relações de gênero**: sobre os padrões de comportamentos diferenciados para os homens e mulheres na construção social; **Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS**: aborda os principais conteúdos ligados às doenças e meios de prevenção.

A escola sempre será um caminho de discussões, intervenções e construção de atividades educativas, porém atividades relacionadas à sexualidade na maioria das vezes são apresentadas com enfoque biológico, destacando os aspectos da reprodução humana, deixando de lado as questões psicológicas, sociais, éticas e valores morais. O PCN aponta que a escola deve ter uma visão integrada sobre as experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, que apresenta papel fundamental na educação para uma sexualidade ligada a vida, à saúde e o prazer.

O tempo que o aluno permanece na escola é constituído por relações sociais, trocas, enfim convívio social, então a escola não pode omitir a importância de tal fato. “Finalmente pode-se afirmar que implantação de orientação de sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.” (BRASIL, 2001, p.115). É necessário que os educadores compreendam as situações que acontecem em sala de aula, principalmente quando se trata da

sexualidade humana, pois vêm carregadas de fatos costumes, regras, preconceitos errôneos criados pelo próprio homem ao decorrer dos tempos.

O PCN considera que a sexualidade é construída ao longo da vida, marcada por histórias, culturas, ciência, por uma série de sentimentos. O estudo da sexualidade é constituído por áreas psicológicas, biológicas e sociais e diversas dimensões. O conceito do termo “sexo” é amplo. Por exemplo, pode ser utilizado como uma expressão biológica, denominando o conjunto de características anatômicas funcionais (genitais e extragenitais). Já o termo sexualidade abrange todas as dimensões relacionadas ao sexo, tais como sociais e psicológicas. Sendo assim, os trabalhos de orientação sexual apresentam diversas dimensões: “Nesse sentido, a proposta de orientação sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológicas, psíquica e sociocultural”. (BRASIL, 2001, p.117). O PCN discute caminhos, possibilidades de trabalhos pedagógicos a serem desenvolvidos pelas instituições educacionais.

A orientação sexual deve ser trabalhada de forma coletiva, sendo eficazmente um trabalho de desenvolvimento natural sobre a realidade e não um aconselhamento, podendo até encaminhar para atendimentos especializados algum caso que necessite ser tratado de maneira individual. O PCN destaca que a escola deve trabalhar e discutir diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, discutindo sobre a diversidade e a sua importância. Aponta ainda que o tema seja oferecido a partir de repercussões de tudo aquilo o aluno vive, pois através das informações bem como sobre a reflexão crítica, que a escola pode proporcionar o aluno a formar sua opinião. A orientação sexual bem sucedida na escola pode obter alguns resultados importantes como: o aumento de rendimento escolar, o aumento de solidariedade e o respeito uns com outros. E em relação às crianças menores, os professores relatam que informações corretas diminuem a ansiedade dentro da sala de aula. (BRASIL, 2001, p.112).

Deve-se considerar a importância da diversidade. É necessário que os educadores respeitem as diversas opiniões que surgirão nas discussões por parte dos alunos. Cada um tem a sua própria percepção e vivência sobre tudo. Os PCNs abordam uma visão pluralista de sexualidade, e não cabe à escola julgar certo ou errado, e sim trabalhar o respeito às diferenças de cada um, interferindo, se houver casos de violações aos direitos das crianças e dos jovens, enfatizando assim, que o papel da escola é de abrir um espaço de discussões.



### **3.1 Orientação sexual na adolescência**

A compreensão dos processos relativos à sexualidade na adolescência requer que a família e as instituições educacionais dispam-se da concepção negativa e moralista que circunscreve este período da vida e também este tema. Fundamental mesmo é que todos se disponham a ouvir e compreender como os adolescentes vêm se relacionando nos dias atuais. Vários fatores, tais como gênero, valores culturais, condições socioeconômicas e nível educacional influenciam a cultura e as práticas sexuais dos adolescentes.

A sexualidade, ainda sendo encarada como tabu, faz com que o jovem carregue e dissemine uma série de informações distorcidas. Portanto, é fundamental observar como adolescentes lidam com a formação de conceitos na área da sexualidade, comparando o grau de informação de adolescentes com diferentes tipos de formação sobre o tema (educação formal, não formal e informal) e conhecendo as influências fundamentais para a formação de conceitos em sexualidade. Muitas instituições pensam que controlam a sexualidade dentro da escola, colocando regras. De fato precisamos das regras, mas refiro-me a poder compreender nossas crianças e jovens, colocar e discutir os fatos existentes em sua realidade, deixando a vergonha, o pudor de lado, procurando novas fontes de informações, sejam livros sobre sexualidade, notícias, entre outros

Compreender a sexualidade também inclui temas como anticoncepção ou contracepção, doenças sexualmente transmissíveis e HIV/Aids, homossexualidade e masturbação, ou seja, temas muito presentes principalmente nesse período de transformações físico-psicossociais. Os jovens de 12 a 18 anos - idade dos adolescentes, segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (Brasil, 2005), estão expostos a uma série de influências sociais e culturais e, muitas vezes, acabam apreendendo informações generalizadas sobre sexualidade. Existe uma grande quantidade de material midiático produzido sobre o assunto voltado para os adolescentes, mas não ocorre o mesmo para publicação de material informativo (Miguel & Tonelli, 2007). Esse tipo de informação midiática promove, na maioria das vezes, uma visão superficial e preconceituosa sobre opção sexual, prática sexual, prazer, prevenção de DST e gravidez, entre outras

questões, quando compartilhadas restritamente entre os próprios adolescentes (Sousa, Fernandes & Barroso, 2006).

Os adolescentes e os jovens têm direito de ter acesso a informações e educação em saúde sexual e saúde reprodutiva e de ter acesso a meios e métodos que os auxiliem a evitar uma gravidez não planejada e prevenirem-se contra as doenças sexualmente transmissíveis/HIV-AIDS, respeitando-se a sua liberdade de escolha (Tonelli, 2004). Apesar disso, conteúdos como direitos sexuais e reprodutivos são pouco conhecidos dos adolescentes e são de fundamental importância para se pensar na saúde sexual da população jovem (Diaz, 1999).

#### **4. DOCENTE COMO ORIENTADOR**

A lacuna existente nos currículos dos cursos de formação de professores é um dos entraves para o desenvolvimento de um trabalho sistemático de orientação sexual no contexto escolar. Na formação de professores a grade curricular não contempla um conteúdo específico que aborde profundamente a temática fazendo com que os docentes sintam-se despreparados, passando a tratar o tema em suas aulas apenas pelo aspecto das ciências biológicas, reduzindo a orientação sexual ao aparelho reprodutivo em detrimento das dimensões culturais, afetivas e sociais inerentes a sexualidade. É imprescindível a capacitação e a conscientização do professor sobre o tema, pois o educando traz consigo características e influências de contextos maiores, diante disso, a aprendizagem do indivíduo só pode ser compreendida dentro das situações nas quais ele está inserido, em contextos como a família e a escola.

É muito importante que o professor tenha cuidado para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdade absoluta, prestando atenção nas dúvidas e questionamentos dos alunos para saber como explicar. Além de estar qualificado, precisa se responsabilizar por essa orientação. Não se pode deixar envolver para não impor as suas concepções, porém tem que se mostrar aberto para esclarecer as dúvidas de maneira clara e objetiva. Ele não pode ser visto apenas como quem transmite as informações, mas também como alguém que cria e constrói conhecimentos, se envolvendo num processo de crescimento pessoal, cultural e profissional.

É importante frisar que a UEPB é a primeira Instituição a implantar na grade curricular do curso de pedagogia, disciplinas como a Educação e Sexualidade e a Educação e Corporiedade, que são vistas no ultimo semestre do curso, enriquecendo assim a formação dos futuros profissionais.

O forte caráter biologicista e a errônea percepção da sexualidade acabam por ratificar o senso comum entre as pessoas, de que temas sexuais devem ser desenvolvidos por professores de áreas como a de ciências, biologia e às vezes educação física porque trata do corpo. Tal fato é tão verdadeiro, que somente livros de ciências abordam temas relacionados à sexualidade. A proposta de desenvolvimento do trabalho em orientação sexual é a de que professores que se interessem pelo tema e aceitem desenvolvê-lo de acordo com a realidade vivida pelo grupo. Desenvolver este tema não é atribuição exclusiva do professor de Ciências ou algum “especialista no assunto”, mas aquele que é sensível, que escuta os problemas e inspira confiança, que se comunica com facilidade, aquele que os alunos vêm contar “coisas” deles. Nada é mais importante que a capacidade de compartilhar idéias com outros e se beneficiar do pensamento de outros. Para isso, o professor desse projeto precisa ter a capacidade de escutar o que os alunos têm a dizer.

De acordo com Sayão, (1997a, p. 101) e Sayão, (1997b, p. 115), muitas escolas convidam psicólogos para uma palestra, mas sabe-se que a eficácia desse trabalho é limitada, pois não existe continuidade. Eles por mais preparados estejam sobre o tema, não conhecem o contexto particular da instituição. São os docentes ou orientadores que se constituem interlocutores confiáveis para as questões da sexualidade; pois o trabalho diário é realizado por eles, são eles que mantêm com os alunos uma relação de proximidade, são eles que podem contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade.

É por isso que Sayão, (1997b, p. 115) reforça:

O trabalho em Orientação Sexual deve ser iniciado com o profissional que se sentir disponível para tal, requisito necessário, mas não suficiente. Não há necessidade de habilitação desse profissional na área biológica, uma vez que o fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, acolhendo-as com respeito.

Não se deve exigir que o docente saiba tudo sobre a temática, mas é essencial que esteja aberto a estudos e a refletir junto aos seus educandos. Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 42), habitualmente os educadores reconhecem que existem impedimentos em trabalhar sobre sexualidade em sala de aula. Essa problemática se agrega as demandas complexas, de caráter vivencial e institucional, como o fato de que os próprios professores, muitas vezes não sabem lidar com essa questão em suas vidas.

Não existe solução relâmpago. “Educar a sexualidade dos outros requer uma prévia e/ou concomitante educação da própria sexualidade”.

“O pouco conhecimento sobre as temáticas de gênero e sexualidade apresenta-se como um dos fatores pelos quais professores, na maioria dos casos, continuam ensinando, mesmo que “discretamente”, modos de ser e de se comportar de maneira diferente e desigual para meninos e meninas”. (FELIPE; GUIZZO, 2004, p. 39).

O professor deve ser um facilitador da conversa, prestando informações científicas, sobre os temas apresentados e garantindo o respeito à diversidade de opiniões e valores, sem ditar normas ou condutas. Ele deve ficar atento às experiências dos alunos e às suas histórias de vida. É fundamental que haja uma organização do trabalho e que se valorizem as tarefas dos alunos. O professor deve trazer outras leituras de mundo, possibilitando outro olhar sobre a realidade, confrontando idéias, crenças e conhecimentos com outras visões de mundo, analisando-as com um olhar mais reflexivo.

É importante ressaltar a importância da família nesse processo de orientação. A escola e a família estão ligadas; uma não substitui nem concorre com a outra; ao contrário, elas devem estar sempre vinculadas e se completando. A família é a principal educadora da criança, os valores éticos e morais apreendidos pelas crianças e adolescentes são os mais relevantes em suas vidas. Uma orientação sexual que não seja acompanhada pela família, pode se tornar inadequada e ocasionar problemas diversos, desde bloqueios de ordem emocional até riscos para a própria vida, como as DST's e o aborto.

A sexualidade se manifesta diariamente em momentos aparentes e outros não; por isso é necessário falar deste assunto como qualquer outro, apesar de sabermos da complexidade em tratar a temática no âmbito escolar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que cada vez mais adolescentes iniciam mais cedo a sua vida sexual. O número de adolescentes contaminados com o vírus da AIDS e de adolescentes grávidas é alarmante. Tudo isso traz um alerta às famílias, à escola, ao estado, à sociedade em geral quanto à quebra de tabus e preconceitos sobre o tema sexualidade. Na sociedade contemporânea em que vivemos, estão acontecendo diversas mudanças em relação às questões sexuais. Tais mudanças devem ser trabalhadas em sala de aula sob a perspectiva da diversidade, ética, respeito às diferenças. Sendo assim, consideramos que educação sexual deve ser trabalhada por todas as áreas do conhecimento e que é um dever da escola abordar o tema, fazendo parte do projeto político pedagógico da escola, e claro, de acordo com a demanda local.

A negação da sexualidade no cotidiano escolar é um fato histórico e cultural que se apresenta de forma estrutural e velada através dos tempos. Para que esse quadro possa ser revertido é necessária a implantação de um processo educativo que trate as questões sexuais e suas manifestações sob um aspecto natural, superando todos os preconceitos tão comuns a este assunto. A capacitação docente também deve ser priorizada com a inclusão de disciplinas, na grade curricular dos cursos de formação de professores, que contemplem esta demanda e depois da graduação, através de cursos de aperfeiçoamento que ofereçam conteúdos e espaços para reflexão em prol de uma maior conscientização e entendimento acerca da relevância e dos benefícios desse trabalho.

Vivemos um novo tempo e com ele novos valores estão sendo construídos. É inegável o crescimento da liberdade sexual, o declínio das formas tradicionais de família, os novos arranjos familiares e as transformações tecnológicas ocorridas objetivando o controle da reprodução humana. Todos esses fatores requerem uma mudança de comportamento acerca da educação sexual. A difusão de novas idéias trazidas pela globalização, a influência da mídia e de outros meios de informação estimulam a sexualidade precoce e proporcionam ao indivíduo um maior contato com tais questões, demandando assim, um maior entendimento e esclarecimento desses fenômenos.

Para trabalhar a sexualidade com jovens, é imprescindível que se tenha atenção e respeito à realidade deles, e que não seja focado apenas aquilo que se considera importante para eles ou o que se pensa que eles gostariam de ouvir. Esse tipo de abordagem faz com que os eles sintam-se sujeitos participativos em todo o processo de aprendizagem, possibilitando esclarecimentos satisfatórios de tudo o que aflora em forma de dúvidas.

A sexualidade não pode deixar de ser abordada na escola, visto que este espaço educativo é responsável pela formação integral do indivíduo e, muitas vezes configura-se como único veículo de informação para estes sujeitos.

### **ABSTRACT**

The early exposure of young people to eroticized content, sexually transmitted diseases and teenage pregnancy are some of the problems involved adolescence, raising concerns inserting dialogue about sexuality in schools. This dialogue is present in the National Curricular Parameters, such as cross-cutting issue, and highlights why the school should incorporate the theme to the pedagogical work. This study aims to propose an appropriate and efficient preparation that allows the teacher to act as sexual mentor effectively this stage that he can understand sexuality as something inherent to the human being and that, accordingly, there is no denying its manifestations in school, although there is no preparation in the academic training of teachers on the subject. The methodology used in conducting this article was qualitative analytical literature. The results of a good sexual orientation in adolescence can lessen the impact of lost time, as many families deprive their children of domestic sex education, the negative value assigned to sexuality, believing that children are "asexual", as they believe that dialogue anticipates sexual practice and feel unprepared and timid in dealing with the issue that perhaps has never been discussed when they were teenagers. We hope with this study contribute to the development of sex education in schools, considered privileged spaces for learning and carrying out socially relevant themes reflections. But also for reflection of teachers about their role.

**KEYWORDS:** Adolescence. Sexual orientation. Sexuality. Teaching

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual**. 3ed. Brasília: MEC, 2001
- BRASIL, Secretaria especial dos direitos humanos. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2005.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- DIAZ, M. (1999). **Educação Sexual e Planejamento Familiar**. In M. Ribeiro (Org.), *O prazer e o pensar*, (Vol. 2, pp. 229-240). São Paulo: Editora Gente.
- FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho: **Sexualidade e gênero – Uma abordagem conceitual**. IN: Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero. / organização. Salvador: Helvécia, 2005.
- FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.
- FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras psicológicas completa: Edições standard Brasileira. Vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 23.
- FUCS, Gilda Bacal. **Por que o sexo é bom?** : Orientação para todas as idades. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed Rosa dos tempos. 1993.
- Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 26-27.
- LAPATE, V. **Educando para a vida**. São Paulo: Sttima Editora, s/d.
- LEAL, O. F.,1993. **Sangue, Fertilidade e Práticas Contraceptivas**. In: XIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, Sessão “La Anthropologia en la Investigacion Socio-demográfica”, Cidade do México.
- MIGUEL, R. B. P.; Toneli, M. J. F. (2007) **Adolescência, sexualidade e Mídia: uma breve revisão da Literatura nacional e internacional**. *Psicologia em Estudo*,12(2),285-293.
- OLIVEIRA, Francisco José Cabral de. DIAZ, Margarita. **Afetividade e sexualidade na educação, um novo olhar**. Secretaria de Educação de Minas Gerais / Fundação Odebrecht, 1998.
- PAIVA, V., 1996. **Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual**. In: Sexualidades Brasileiras (Parker, R. & Barbosa, R.M., orgs.), Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PENIN, Sônia T. S.; VIEIRA, Sofia L. **Refletindo sobre a função social da escola**. In VIEIRA Sofia Lerche (org). *Gestão da escola – Desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RODRIGUES Jr, O. M. (1993). **Os conflitos sexuais na adolescência**. In M. Ribeiro, *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas* (pp. 101-111). Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997a. p. 107-117.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997b. p. 87–95.

SOUZA, L. B.; Fernandes, J. F. P., & Barroso, M. G. T. (2006). **Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar**. *Acta Paul Enferm*, 19(4),408-413.

TIBA, Içami. **Adolescência o despertar do sexo**. São Paulo: gente, 1994.

TONELLI, M. J. F. (2004). **Direitos sexuais e reprodutivos: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência**. *Psicologia & Sociedade*,16(1).